

Análise da Contribuição da Incubadora para a Atuação e Sobrevivência de Micro e Pequenas Empresas no Mercado: o Caso da Incubadora de Base Tecnológica da Ufjf

Adriana Duque de Freitas, M.sc.
adriana_freitas@globo.com
UFF

Mara Telles Salles, D.Sc.
marasalles.uff@gmail.com
UFF

Resumo: Reconhecidas como geradoras de conhecimento e informações as incubadoras de empresas são locais onde nascem, crescem e se desenvolvem pequenos negócios. Com o objetivo de analisar a contribuição da incubadora para atuação e sobrevivência de Micro e Pequenas Empresas (MPes) no mercado, foi realizado um estudo de caso em empresas oriundas da Incubadora de Base Tecnológica (IBT) ligada ao Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia (CRITT) e pertencente à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Através de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, foram entrevistados empresários incubados e graduados no período de 2003 a 2007. Dentre os resultados podemos destacar com relação à contribuição da incubadora para a atuação de MPes, a existência de uma aproximação de percepções, merecendo atenção especial os itens relativos à ajuda da incubadora ao posicionamento do produto no mercado, auxílio na elaboração do preço e na escolha da localização da empresa. Ao analisar as questões que envolvem aspectos relativos à sobrevivência no mercado, a pesquisa corrobora com as estatísticas com relação à sua perenidade, mostrando que as incubadoras, quando cumprem o papel ao qual se propõem, são fundamentais para o seu sucesso, além de fomentar o empreendedorismo e contribuir para o desenvolvimento local e regional.

Palavras Chave: Micro e pequenas emp - Empreendedorismo - Incubadoras de empre - -

1. INTRODUÇÃO

Destaque constante no cenário mundial, as micro e pequenas empresas são preponderantes para o desenvolvimento de uma cidade ou região. Geradoras de emprego e inovação são peças fundamentais para o crescimento econômico e social.

Outro tema que vem ganhando ênfase num cenário de crescimento constante é o empreendedorismo que inclui a oferta de cursos universitários, seminários e debates acerca do mesmo, além do interesse de autoridades governamentais. Sua importância é evidente no que tange à competitividade e produtividade de uma micro e pequena empresa. Tudo isso é consequência do aumento da participação deste tipo de empreendimento na economia mundial mesmo que com altos índices de mortalidade empresarial (HISRICH e PETERS, 2004).

De acordo com a pesquisa internacional realizada pelo GEM (Global Entrepreneurship Monitor) no ano 2007, consolidando-se como o principal painel sobre empreendedorismo no Brasil e no mundo, conforme relatório apresentado no site institucional do SEBRAE, o País vem se firmando como altamente empreendedor, seja por identificação de uma oportunidade ou pela necessidade de sobrevivência.

Por outro lado, a pesquisa apresenta ainda o comportamento de outra variável essencial à compreensão do empreendedorismo no Brasil: a descontinuidade dos negócios, que relata o percentual de empresas que foram encerradas ou interrompidas por entrevistados nos doze meses anteriores à entrevista. E os índices apresentados, embora menores que nas últimas pesquisas, ainda são significativos (Pesquisa GEM, 2007).

Em outro estudo denominado “Fatores condicionantes e taxa de mortalidade de empresas no Brasil” realizado pelo SEBRAE, 2004, são avaliadas empresas no Estado de Minas Gerais com apresentação de dados alarmantes que mostram em empresas constituídas na Junta Comercial do Estado de Minas Gerais nos anos de 2002, 2001 e 2000, uma taxa de mortalidade de 45% para aquelas com até 2 (dois) anos de existência, 50% em estabelecimentos com até 3 (três) anos e, ainda, 47,4% das empresas não permanecem no mercado além de 4 (quatro) anos, e, seguindo a tendência geral, tendo como motivos principais a falta de capital de giro e a elevada carga tributária.

Conforme Castilho (2006), é fato que os países que centram seus modelos econômicos na criação, desenvolvimento e aperfeiçoamento de empresas, alcançam um nível de geração de riquezas sustentável. As condições essenciais para o alcance do desenvolvimento empresarial nas economias modernas se baseiam na gestão do conhecimento como elemento estratégico e que permite alcançar uma melhor competitividade das empresas (RUBIANO e DOMÍNGUEZ, 2007).

Na visão de Silva (2004), as micro e pequenas empresas têm demonstrado flexibilidade para se organizarem em arranjos¹ com o intuito de alcançarem competitividade.

Amato Neto (2000) contribui ao afirmar que as relações intra e interempresas, particularmente aquelas envolvendo micro e pequenas empresas, são uma tendência da economia moderna. São a partir destes arranjos empresariais que se produzem trocas de experiência de forma contínua entre os agentes envolvidos com o intuito de se desenvolver a tecnologia e consequentemente as empresas (VENCE DEZA, 2007).

Neste cenário, ações eventuais ou sistêmicas que visam estimular o comportamento empreendedor, com foco na criação e manutenção de negócios ou empresas, surgem com mais intensidade, dentre elas pólos, parques tecnológicos e incubadoras de empresas. Cada uma

¹ Constituem aglomerados de agentes econômicos, políticos e sociais, localizados em um mesmo território, que apresentam vínculos consistentes de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais.

com objetivos específicos, porém todas com uma meta única: sobrevivência e competitividade da micro e pequena empresa.

Nesse ambiente, cresce significativamente no Brasil o movimento das incubadoras de empresas. Na liderança, encontra-se a ANPROTEC, entidade que dá suporte às iniciativas na área. Responsáveis pelo fomento, destacam-se algumas entidades: CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), Sebrae e o MCT (Ministério da Ciência e Tecnologia) através do PNI (Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Empresas e Parques Tecnológicos).

No processo de incubação, são consideradas as estruturas lógicas dos programas que compreendem estímulo à cultura empreendedora e estímulo ao surgimento de novos negócios, ou seja, busca-se uma formatação dos processos tanto de criação quanto de estruturação da empresa com o objetivo de auxiliar o empreendedor. O detalhamento das atividades empresariais, conectadas com o planejamento dos programas institucionais, é crucial para o sucesso dos negócios envolvidos nesse processo (TONHOLO e PIRES, 2005).

Qualitativamente, percebe-se a influência que as incubadoras exercem sobre o desenvolvimento das regiões e locais onde são instaladas. Segundo Lahorgue (2004, p. 93), “elas contribuem para a modificação das formas de pensar e agir, em favor do avanço econômico, valorizando a cultura empreendedora e aproveitando as ideias inovadoras surgidas no âmbito dos institutos de ensino e pesquisa”.

Diante do exposto, o presente trabalho visa analisar a contribuição de uma incubadora para atuação e sobrevivência de empresas oriundas desse processo, tomando como ponto de partida o estudo de caso de uma incubadora de base tecnológica localizada em uma universidade. Um estudo que dê tratamento especial à questão da incubação de empresas e o conseqüente auxílio que as incubadoras prestam aos empreendedores no desenvolvimento da produtividade e da competitividade é de extrema relevância. Este mesmo estudo servirá de parâmetro para novos empreendedores, permitindo uma análise sobre o processo de incubação, além de apresentar resultados relevantes para a perenidade das empresas.

2. OBJETIVOS

Verificar o que as Incubadoras de Base Tecnológica fornecem às Micros e Pequenas Empresas e analisar se a incerteza, em termos de sobrevivência, está sendo minimizada pelo processo de incubação.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos principais pilares de sustentação da economia brasileira são as micros e pequenas empresas. Estudos elaborados anualmente pelo SEBRAE comprovam que micros e pequenas empresas são responsáveis não só pela geração de empregos, como também por um montante significativo do PIB (Produto Interno Bruto) nacional.

Dados apresentados no Boletim Estatístico de Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2005) apontam um crescimento neste segmento que, em 2002, responderam por 57,2 % dos empregos totais e por 26,0% da massa salarial, o que representa um aumento no número de empregos gerados, refletindo incremento na massa salarial.

De acordo com Pazos (2007), “as pequenas e médias empresas são um dos pilares das economias modernas devido a sua grande capacidade de geração de riquezas e emprego”.

Mas esses mesmos estudos mostram também a elevada taxa de mortalidade desse tipo de empreendimento além da pouca competitividade no cenário globalizado. Neste cenário, surgem como elementos importantes, as incubadoras de empresas, que buscam lapidar as idéias e ambições do empresário a fim de prepará-los para o mercado.

O Ministério de Ciência e Tecnologia, em sua página institucional na internet, disponibiliza o PNI (Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Empresas e Parques Tecnológicos). O programa serve como suporte a empreendimentos residentes em incubadoras

e parques tecnológicos, justificando que o processo de incubação é um dos mais eficazes mecanismos de constituição de empresas sólidas. São apresentados dados estatísticos de empresas americanas e européias, demonstrando que a taxa de mortalidade das empresas nascidas em incubadoras é reduzida de 70% para 20%. De acordo com pesquisa realizada em 2006, pela ANPROTEC (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores), no Brasil, a taxa de mortalidade é semelhante a essas.

Segundo Degen (1989), a comunidade mundial vive um momento de convergência a respeito das virtudes e da indispensabilidade da livre iniciativa. O que se percebe são discursos que enfatizam o papel do empreendedor como novo foco de atenção dos teóricos.

Para Bulgacov (1999, p.47), as pessoas, independentemente do seu país, estão escolhendo sistemas econômicos baseados em pequenos negócios altamente produtivos. Ele ainda justifica o mencionado em razão de que “o ressurgimento do espírito empreendedor é um dos movimentos mais importantes da história recente da administração”.

O reconhecimento da importância de se promoverem as condições ideais para o desenvolvimento do empreendedorismo vem sendo incorporado no âmbito das políticas de desenvolvimento e de ampliação da competitividade, mobilizando esforços para incrementar a dinâmica e a capacidade empreendedora local, particularmente, de empresas iniciantes.

No contexto brasileiro, as MPMEs (Micros, Pequenas e Médias empresas) vêm sendo há muito tempo alvo de atenção de analistas econômicos devido ao seu potencial de geração de renda e de emprego. É ainda um dos principais pilares de sustentação da economia brasileira, quer pela sua enorme capacidade geradora de empregos, quer pelo infindável número de estabelecimentos desconcentrados geograficamente (ROVERE, 2001).

Em termos estatísticos, conforme apresentado no Boletim Estatístico de Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2005), esse segmento empresarial representou, em 2002, 99,2% do total de estabelecimentos, responsáveis por 52,8% dos empregos. Dessa forma, a importância das MPMEs tanto para a economia quanto para a geração de emprego no Brasil é evidente.

Diferentes fatores contribuem para a crescente participação desse tipo de empresa na economia brasileira:

O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) mostra, por meio do estudo “Apoio do Sistema BNDES às micros, pequenas e médias empresas”, que parte da proliferação dos pequenos empreendimentos é resultado da globalização, já que este fenômeno exige que as grandes empresas, ao buscarem uma maior eficiência, terceirizem as atividades de apoio ao negócio principal.

Segundo a mesma pesquisa divulgada pelo BNDES, outro fator importante na elevação do número de pequenos negócios é a criação de estruturas flexíveis que permitem responder melhor e mais rapidamente às crises econômicas. Além de exigência da modernidade, que requer empresas mais enxutas, menores e com maior índice de produtividade.

De acordo com pesquisa divulgada pelo GEM no ano de 2007, o Brasil se aproximou mais dos principais países empreendedores do mundo, passando da 10ª para a 9ª colocação.

A pesquisa do GEM (2007) enfatiza as razões que levam a verificar as iniciativas empreendedoras, tanto por oportunidade quanto por necessidade. Entende-se por empreendedorismo por oportunidade as iniciativas ligadas a oportunidades de negócio e ao espírito empreendedor. Já o empreendedorismo por necessidade está ligado à falta de opções no mercado de trabalho.

No Brasil, o número de empreendedorismo por oportunidade atinge a casa de 57% da população dos empreendedores iniciais e os empreendedores por necessidade representam 43%. Portanto, percebe-se que, no Brasil, para cada indivíduo que empreende por oportunidade, existe outro que empreende por necessidade.

A pesquisa mostra que boa parte dos empreendedores por necessidade é compelida à informalidade. Além disso, questões como a falta de financiamento e o pouco preparo

educacional, tanto em relação ao ensino escolar, quanto em relação ao conhecimento administrativo, influenciam na longevidade dos negócios. Quanto mais alto o índice de escolaridade, maior o tempo de vida da empresa. Entretanto, ressalta-se que, se for um negócio informal, mesmo que se tenha estudado, as garantias de sucesso são muito reduzidas.

Outro fator importante constatado em MPMEs é a baixa capacitação gerencial decorrente do fato de que essas empresas são formadas, em sua maioria, por familiares. Além disso, o tamanho reduzido das empresas faz com que seus proprietários/administradores tenham um horizonte de planejamento de curto prazo, ficando presos num círculo vicioso em que a resolução de problemas diários impede a definição de estratégias de longo prazo e de inovação. Essa baixa capacitação é responsável também pelas dificuldades que MPMEs têm em conquistar novos mercados (VOS, KEIZER e HALMAN, 1998).

Diante dos dados apresentados, percebe-se que o pequeno empresário atua normalmente de forma amadora e sem qualquer tipo de planejamento, o que reflete no alto índice de mortalidade desses negócios, conforme demonstra o gráfico 1.

As limitações ao desenvolvimento da MPMEs apontadas são agravadas quando essas empresas se encontram isoladas no mercado em vez de estarem em redes de empresas.

Muitos fatores, como a globalização e os paradigmas tecnológicos, têm tornado o ambiente empresarial turbulento, especialmente para Micros e Pequenas Empresas. Nesse cenário, as MPMEs buscam formas de sobrevivência às características de seu porte específico (CEZARINO, 2005).

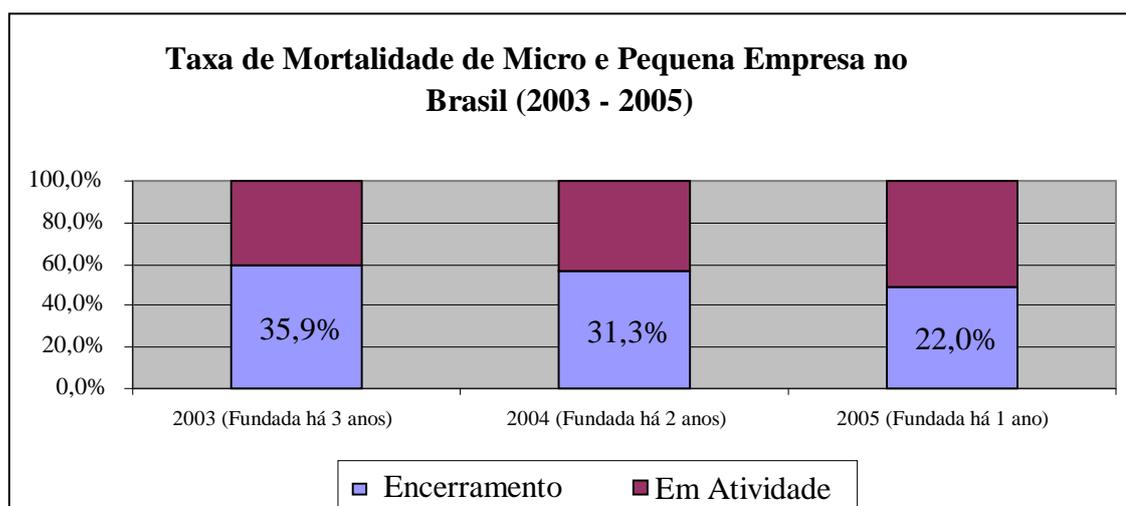


Gráfico 1: Taxa de Mortalidade de MPE no Brasil
Fonte: Adaptado de SEBRAE – Fatores Condicionantes da Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil (2007, p. 14)

De acordo com a mesma pesquisa, as causas dos fechamentos das empresas estão intimamente relacionadas a falhas gerenciais, causas econômicas, logística operacional e questões legais, como são apresentadas na tabela 1.

Segundo Caniels & Romijn (2003), um dos principais achados das MPMEs (Micro, Pequenas e Médias Empresas) é que sua competitividade pode ser acrescida da participação em aglomerações de firmas engajadas em atividades similares e até mesmo complementares.

Dentro desse contexto e de acordo com a ANPROTEC, o surgimento das incubadoras de empresas apresenta uma forte relação entre instituições de ensino e pesquisa, onde são formados os recursos humanos e produzido o conhecimento científico, instituições governamentais e o setor produtivo, onde se dá a transformação do conhecimento em riqueza.

Aranha (2002) afirma que as incubadoras de empresas são ambientes onde as dimensões científicas e empresariais se misturam. Na realidade, a principal função dessa junção é criar um elo entre o pensamento acadêmico-científico com a aplicação empresarial. Dessa forma, leva-se à sociedade o resultado dessa união que são novos processos, novos produtos e novos serviços. Outro fator destacado é o importante papel que as incubadoras desempenham na região em que estão inseridas, que é a de incentivadoras do desenvolvimento socioeconômico e cultural.

As incubadoras de empresas são locais onde nascem, crescem e desenvolvem-se pequenos negócios, normalmente de base tecnológica (que têm no conhecimento seu principal insumo de produção), assistidos por uma infraestrutura comum e, por vezes com a presença de uma Universidade, de forma a transformar ideias em produtos, serviços e processos (WOLFFENBÜTTEL, 2001).

Tabela 1: Causas das dificuldades e razões para o fechamento das MPE

Fonte: Adaptado de SEBRAE – Fatores Condicionantes da Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil (2004, p. 11)

Causas das dificuldades e razões para o fechamento das empresas			
Categorias	Ranking	Dificuldades / Razões	Percentual de Empresários que Responderam
Falhas Gerenciais	1°	Falta de capital de giro	42%
	3°	Problemas financeiros	21%
	8°	Ponto / local inadequado	8%
	9°	Falta de conhecimentos gerenciais	7%
Causas Econômicas Conjunturais	2°	Falta de clientes	25%
	4°	Maus pagadores	16%
	6°	Recessão econômica do país	14%
Logística Operacional	12°	Instalações inadequadas	3%
	11°	Falta de mão de obra qualificada	5%
Políticas Públicas e arcabouço legal	5°	Falta de crédito bancário	14%
	10°	Problemas com a fiscalização	6%
	13°	Carga tributária elevada	1%
	7°	Outra razão	14%
OBS: A pergunta admitia respostas múltiplas			

São também formas de unir tecnologia, capital e know how para alavancar o talento empreendedor e acelerar o desenvolvimento de novas empresas (GRIMALDI; GRANDI, 2003).

Uma incubadora de empresas é um mecanismo de aceleração do desenvolvimento de empreendimentos mediante um regime de negócios, serviços e suporte técnico compartilhado, além de orientação prática e profissional. O principal objetivo de uma incubadora deve ser a produção de empresas de sucesso, em constante desenvolvimento, financeiramente viáveis e competitivas em seu mercado (DORNELAS, 2002).

O movimento de incubadoras de empresas teve o seu início no Brasil na década de 80. Em 1987, foi criada a Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas (ANPROTEC), que passou a representar as entidades gestoras de incubadoras de empresas, pólos e parques tecnológicos. A ANPROTEC passou a representar não só as incubadoras de empresas, mas todo e qualquer empreendimento que utilizasse o processo de incubação para gerar inovação no Brasil.

As empresas de base tecnológica vêm chamando a atenção de vários setores da sociedade econômica e produtiva não só pelo potencial empreendedor e capacidade inovadora desses empreendimentos, mas também pela contribuição no desenvolvimento socioeconômico, na incorporação de tecnologias de vanguarda e do seu papel estratégico no desenvolvimento de uma nação (TRENADO, 2008).

A tecnologia é o diferencial de competitividade nas empresas de base tecnológica. É em tecnologia que a maioria das pessoas da empresa trabalha (BAETA, 1997).

ANPROTEC (2002, p. 61) em seu glossário dinâmico de termos na área de Incubadoras de Empresas, colabora com este conceito ao afirmar que incubadoras de empresas de base tecnológica são “organizações que abrigam empresas cujos produtos, processos e serviços resultam de pesquisa científica, para os quais a tecnologia representa alto valor agregado.” Ainda usando a ANPROTEC (2002, p.61), o que distingue esse tipo de incubadora das incubadoras de empresas tradicionais é que “estas abrigam exclusivamente empreendimentos oriundos de pesquisa científica”.

4. METODOLOGIA

Tipo de pesquisa: trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, adotando-se o estudo de caso (YIN, 2005).

O universo foi constituído de sete empresas graduadas pela IBT/CRITT no período de 2003 a 2007. A escolha do período foi em função de apresentar dados mais recentes e, em levantamentos prévios juntos à incubadora, percebeu-se um volume condizente com o trabalho em questão. No entanto, a amostra ficou reduzida a cinco empresas, pois duas delas não participaram, sendo que uma, apesar de inúmeras tentativas, não se dispôs a colaborar com o trabalho e a outra não se encontrava mais na ativa.

A pesquisa foi realizada nas empresas foco do trabalho com entrevista pessoal, mediante questionário contendo perguntas abertas e fechadas. Foram entrevistados os proprietários/empreendedores através de entrevista pessoal, em horário previamente agendado. E, para acesso às empresas, teve-se o apoio da incubadora, que se propôs a fazer um contato preliminar, uma vez que tinha interesse na pesquisa.

Na incubadora, a entrevista foi direcionada ao gestor em exercício e, como se trata de uma pesquisa exploratória, na qual existem várias perspectivas a serem investigadas, visando uma melhor compreensão do tema abordado, optou-se por utilizar entrevista semi-estruturada

5. RESULTADOS

Os resultados apresentados versam primeiramente sobre os aspectos relativos à contribuição da incubadora para atuação das empresas e, a seguir, apresentam-se os aspectos relativos à sobrevivência no mercado.

5.1. ANÁLISE DAS QUESTÕES QUE ENVOLVEM ASPECTOS RELATIVOS À CONTRIBUIÇÃO DA INCUBADORA PARA ATUAÇÃO DA EMPRESA.

Em se tratando dos aspectos relativos à contribuição da incubadora para atuação da empresa, utilizou-se uma escala de 1 a 5 da seguinte maneira:

- A incubadora, ao ser entrevistada, classifica sua contribuição como sendo: 1-Contribui muito; 2-Contribui; 3-Contribuição média; 4-Pouca contribuição e 5- Não tem opinião/Não sei.
- Já as empresas incubadas indicam à contribuição da incubadora para sua atuação, sendo apresentada sua concordância ou discordância, da seguinte maneira: 1-Discordo plenamente; 2-Discordo; 3-Concordo; 4-Concordo plenamente; 5-Não tenho opinião/Não sei.

O confronto dos dados são apresentados no quadro 1:

Com relação ao ambiente acadêmico-científico encontrado na Incubadora ter contribuído para a evolução da empresa, para evolução do produto e/ou serviço e, quanto ao fato do modelo de gestão proposto pela Incubadora fornecer ferramentas de planejamento estratégico, tais como definição de objetivos e metas, visão, missão, posicionamento, dentre outros, a IBT acredita contribuir muito, no que as empresas “concordam plenamente” com o elevado apoio para os seus negócios.

No que tange ao fato de a IBT ter sido ágil e eficaz na busca pelo atendimento das necessidades apresentadas pelas empresas, às ferramentas de gestão fornecidas atenderem totalmente às necessidades das incubadas e a IBT incentivar as empresas incubadas a conhecerem os concorrentes, a IBT afirma ter contribuído muito para que estes itens fossem satisfeitos, enquanto que as empresas pesquisadas destacaram a concordância diante das afirmações.

ASPECTOS DESCRITOS	EMPRESAS					ESTATÍSTICAS			IBT
	A	B	C	D	E	Média	Desvio Padrão	Moda	IBT
01. O ambiente acadêmico-científico encontrado na Incubadora, contribuiu para evolução da sua empresa.	4	4	4	4	4	4	0,00	4	1
02. O ambiente acadêmico-científico encontrado na Incubadora, contribuiu para evolução do produto e/ou serviço.	4	4	4	3	4	3,8	0,45	4	1
03. A Incubadora à qual o (a) Sr. (Srª) participou foi sempre ágil e eficaz na busca por atender às necessidades apresentadas pelas empresas.	3	3	3	3	3	3	0,00	3	1
04. As ferramentas de gestão fornecidas pela incubadora atenderam totalmente às necessidades.	3	3	3	3	2	2,8	0,45	3	1
05. O modelo de gestão proposto pela Incubadora fornece ferramentas de Planejamento Estratégico, como a definição de objetivos e metas, visão, missão, posicionamento, etc.	4	3	4	3	2	3,2	0,84	4	1
06. A incubadora ajudou a posicionar o produto/ serviço no mercado.	2	4	2	3	3	2,8	0,84	2	1
07. A incubadora auxiliou na elaboração do preço praticado.	2	2	2	2	1	1,8	0,45	2	1
08. A incubadora auxiliou na escolha do ponto/ localização da empresa.	5	2	1	2	1	2,2	1,64	2	1
09. A empresa foi incentivada a conhecer seus concorrentes.	5	3	3	4	3	3,6	0,89	3	1

Quadro 1: Aspectos relativos a contribuição da incubadora para atuação da empresa

Fonte: O próprio autor

Quanto às questões relativas à ajuda da incubadora ao posicionamento do produto/serviço no mercado, auxílio na elaboração do preço praticado e ao assessoramento na escolha do ponto/localização da empresa, a IBT acredita “contribuir muito” enquanto as empresas “discordam” desta afirmação, gerando ponto discrepante.

Passaremos a seguir à análise das questões que envolvem aspectos relativos à sobrevivência no mercado.

5.2. ANÁLISE DAS QUESTÕES QUE ENVOLVEM ASPECTOS RELATIVOS À SOBREVIVÊNCIA NO MERCADO.

A seguir são apresentados os dados relativos à sobrevivência no mercado, confrontando os objetivos da incubadora e a percepção das incubadas, utilizando-se uma escala de 1 a 5 da seguinte maneira:

- Com relação aos objetivos da incubadora, ao ser entrevistada, classifica-os conforme o grau de importância para a IBT sendo: 1-Muito importante; 2-Importante; 3-Importância média; 4-Pouco importante; 5- Sem importância e 6- Não tem opinião/Não sei.

- Já as empresas incubadas classificam a contribuição da IBT à sua empresa da seguinte maneira: 1-Contribui muito; 2-contribui; 3-Contribuição média; 4-Pouca contribuição; 5-Nenhuma contribuição; 6-Não tenho opinião/Não sei.

Os dados após confrontados, são apresentados no quadro 2.

No que tange aumentar a taxa de sobrevivência e de sucesso das empresas incubadas, fomentar o empreendedorismo, contribuir para o desenvolvimento local e regional (sendo agente de inovação), dotar a incubadora de infra-estrutura adequada ao atendimento às empresas incubadas e adaptar o modelo de incubação à realidade econômica, cultural, social e política da região que está inserida, tanto a IBT quanto as empresas concordam na elevada importância e contribuição.

No que diz respeito a proporcionar o crescimento e a estabilidade de empresas incubadas, estimular o papel das universidades e centros de pesquisa no processo de inovação tecnológica por meio da criação de novas empresas, estruturar serviços que sejam realmente importantes para o desenvolvimento e a consolidação dos empreendimentos, estabelecer relacionamentos e alianças que assegurem o atendimento às empresas incubadas, identificar fontes de financiamento e modelos de negócios que garantam a sustentabilidade da incubadora, estruturar estratégias para captação de recursos para empresas incubadas e ser símbolo do empreendedorismo e inovação, gerando empresas fortes que inspirem as gerações futuras, a IBT afirma ser “muito importante” enquanto as empresas apenas relatam tal “contribuição”.

No aspecto referente à transferência de Tecnologia, capacitar equipes inovadoras, empreendedoras e comprometidas para conduzir o processo de incubação, criar estratégias para que as empresas incubadas desenvolvam sua capacidade de vendas e gerem negócios e sintonizar as empresas incubadas com as principais tendências tecnológicas e mercadológicas mundiais, a IBT diz ser “muito importante” enquanto as empresas afirmam ter tido uma “contribuição média”, gerando pontos de discrepância.

Observando as questões quanto a estruturar mecanismos de associativismo e cooperativismo entre as empresas incubadas como forma de promover a troca de informação e a geração de redes de negócios e estimular e gerar novas empresas que se insiram em clusters e cadeias estratégicas já estruturadas ou em fase de consolidação, a IBT afirma ser “importante” enquanto para as empresas houve “pouca contribuição”, gerando novamente pontos discrepantes.

No que tange a gerar uma estratégia competitiva clara e bem sucedida no segmento de mercado proposto pelas incubadas, criar mecanismos e instrumentos de promoção de empresas incubadas junto à comunidade local, a órgãos e instituições estratégicas e geração de empregos, a IBT e as empresas concordam com a importância e a contribuição respectivamente dos itens relacionados.

Com relação a contribuição para a definição de políticas públicas sintonizadas com a realidade de um mundo cada vez mais globalizado, a IBT afirma ser “importante” enquanto que para as empresas houve “contribuição média”.

Com relação a estruturar processos gerenciais competentes, inovadores e sustentáveis às incubadas, a IBT afirma ser “muito importante” enquanto cada empresa respondeu de forma diferente gerando outro ponto de discordância.

E, por fim, com relação ao lucro para as empresas, a IBT afirma que a geração dos mesmos não tem importância enquanto as empresas afirmam que o processo de incubação “contribuiu” para tal.

ASPECTOS DESCRITOS	EMPRESAS					ESTATÍSTICAS			IBT
	A	B	C	D	E	Média	Desvio Padrão	Moda	
01. Aumentar a taxa de sobrevivência e de sucesso das empresas incubadas.	1	2	1	1	2	1,4	0,55	1	1
02. Proporcionar o crescimento e a estabilidade de empresas incubadas.	1	2	3	2	2	2	0,71	2	1
03. Fomentar o empreendedorismo.	1	1	2	1	2	1,4	0,55	1	1
04. Contribuir para o desenvolvimento local e regional, sendo agente de inovação.	1	2	2	1	4	2	1,22	1	1
05. Gerar uma estratégia competitiva clara e bem sucedida no segmento de mercado proposto pelas incubadas.	2	2	3	3	4	2,8	0,84	2	2
06. Contribuir para a definição de políticas públicas sintonizadas com a realidade de um mundo cada vez mais globalizado.	2	3	3	3	5	3,2	1,10	3	2
07. Estruturar processos gerenciais competentes, inovadores e sustentáveis às incubadas.	1	3	2	4	5	3	1,58	#N/D	1
08. Estimular o papel das universidades e centros de pesquisa no processo de inovação tecnológica por meio da criação de novas empresas.	1	2	3	2	4	2,4	1,14	2	1
09. Estruturar serviços que sejam realmente importantes para o desenvolvimento e a consolidação dos empreendimentos.	1	3	2	2	4	2,4	1,14	2	1
10. Estabelecer relacionamentos e alianças que assegurem o atendimento às empresas incubadas.	2	3	2	1	3	2,2	0,84	2	1
11. Transferência de Tecnologia	3	3	3	2	4	3	0,71	3	1
12. Dotar a incubadora de infra-estrutura adequada ao atendimento às empresas incubadas.	1	3	2	2	1	1,8	0,84	1	1
13. Capacitar equipes inovadoras, empreendedoras e comprometidas para conduzir o processo de incubação.	2	3	3	1	3	2,4	0,89	3	1
14. Adequar o modelo de incubação à realidade econômica, cultural, social e política da região que está inserida.	1	3	3	1	5	2,6	1,67	1	1
15. Identificar fontes de financiamento e modelos de negócios que garantam a sustentabilidade da empresa.	1	2	2	3	2	2	0,71	2	1
16. Estruturar estratégias para captação de recursos para empresas incubadas.	1	2	2	2	1	1,6	0,55	2	1
17. Criar estratégias para que as empresas incubadas desenvolvam sua capacidade de vendas e gerem negócios.	3	3	3	3	4	3,2	0,45	3	1
18. Criar mecanismos e instrumentos de promoção de empresas incubadas junto à comunidade local, a órgãos e instituições estratégicas.	2	2	3	2	4	2,6	0,89	2	2
19. Estruturar mecanismos de associativismo e cooperativismo entre as empresas incubadas como forma de promover a troca de informação e a geração de redes de negócios.	4	4	3	2	4	3,4	0,89	4	2
20. Sintonizar as empresas incubadas com as principais tendências tecnológicas e mercadológicas mundiais.	4	3	3	3	4	3,4	0,55	3	1
21. Estimular e gerar novas empresas que se insiram em clusters e cadeias estratégicas já estruturadas ou em fase de consolidação.	4	4	3	2	5	3,6	1,14	4	2
22. Ser símbolo do empreendedorismo e inovação, gerando empresas fortes que inspirem as gerações futuras.	2	3	2	1	2	2	0,71	2	1
23. Lucro para empresa.	2	2	3	2	3	2,4	0,55	2	5
24. Geração de empregos.	2	2	3	1	3	2,2	0,84	2	2

Quadro 2: Aspectos relativos a sobrevivência no mercado

Fonte: O próprio autor

6. CONCLUSÕES

Tendo seus objetivos alcançados, o presente estudo permitiu ainda a compreensão das principais características que versam em uma empresa oriunda de uma incubadora. Verificou-

se o que as Incubadoras de Base Tecnológica fornecem às Micros e Pequenas Empresas e se a incerteza, em termos de sobrevivência, está sendo minimizada pelo processo de incubação.

Com relação à contribuição da incubadora para a atuação de micros e pequenas empresas, existe uma aproximação de percepções, merecendo atenção especial os itens relativos à ajuda da incubadora ao posicionamento do produto no mercado, auxílio na elaboração do preço praticado e ao assessoramento na escolha do ponto/localização da empresa, onde a IBT acredita contribuir muito, mas as empresas não têm essa percepção, discordando da afirmação.

Ao analisar as questões que envolvem aspectos relativos à sobrevivência no mercado, a pesquisa desenvolvida corrobora com as estatísticas com relação à sua perenidade, mostrando que as incubadoras, quando cumprem o papel ao qual se propõem, são fundamentais para o seu sucesso, além de fomentar o empreendedorismo e contribuir para o desenvolvimento local e regional. No entanto, percebem-se alguns ajustes necessários por parte da incubadora, destacados como pontos discrepantes nos resultados da pesquisa.

Concluimos finalmente que as empresas oriundas da IBT, considerando-se o universo pesquisado, apresentaram alto índice de sobrevivência no mercado: 96% das empresas graduadas no período pesquisado permanecem abertas.

7. REFERÊNCIAS

AMATO NETO, J. Redes de cooperação produtiva e clusters regionais: oportunidades para as pequenas e médias empresas. São Paulo: Atlas, 2000.

ANPROTEC. Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (org). Disponível em <http://www.anprotec.org.br>. Acesso em Jul. de 2010.

_____. Pesquisa PANORAMA 2007. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/customizado/estudos-e-pesquisas/estudos-e-pesquisas/empreendedorismo-no-brasil-pesquisa-gem/livro_gem_2007.pdf. Acesso em Fev. de 2010.

_____. Pesquisa PANORAMA 2006. Disponível em: <http://www.anprotec.org.br/publicacao panorama.php?idpublicacao=208>. Acesso em Jan. de 2009.

_____. Glossário dinâmico de termos na área de Tecnópolis, Parques Tecnológicos e Incubadoras de Empresas. Brasília: Anprotec; Sebrae, 2002.

ARANHA, J.A.S. et al. Modelo de Incubadoras. Brasília: IDISC, 2003.

_____. Modelo de Gestão para Incubadoras de Empresas: Implementação do Modelo. Rio de Janeiro: ReINC, 2002.

BAÊTA, A.M.C. As Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica: uma nova prática organizacional para a inovação. 1997. 217f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro: 1997.

BULGACOV, S. (org). Manual de gestão empresarial. São Paulo: Atlas, 1999.

CANIELS; M. & ROMIJN, H. SME clusters, acquisition of technological capabilities and development: concepts, practices and police lessons. *Journal of Industry, Competition and Trade*, v. 3, n. 3, p. 187-210; Sept. 2003.

CASTILLO, J. C. Espírito Empresarial como Estrategia de Competitividad y Desarrollo Económico. *Revista EAN*. Bogotá. n.57, p.103-117, mayo-agosto 2006.

CEZARINO, L.O. Um estudo sobre as micro, pequenas e médias empresas em *clusters* e arranjos produtivos locais. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas), Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA/USP), Bebedouro. 2005.

CRITT. Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia (org). Disponível em: <http://www.critt.ufjf.br>. Acesso em Outubro de 2008.

DEGEN, R. O empreendedor: Fundamentos da Iniciativa Empresarial. 9 ed. São Paulo, Pearson Education do Brasil, 1989.

- DORNELAS, J. C. A.** Planejando Incubadoras de Empresas: como desenvolver um plano de negócios para incubadoras. São Paulo: Campus, 2002.
- GRIMALDI, R. & GRANDI, A.** Business incubator and new venture creation: an assessment of incubating model. *Technovation*, Amsterdam, v. 25, n. 2, p. 111-121, 2003.
- HISRICH, R. D. & PETERS, M. P.** Empreendedorismo. Tradução: Lene Belon Ribeiro. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- LAHORGUE, M. A.** Pólos, Parques e Incubadoras: Instrumentos de Desenvolvimento do Século XXI. Brasília: ANPROTEC & SEBRAE, 2004.
- MCT.** Ministério da Ciência e Tecnologia (org). Programa Nacional de Apoio às Incubadoras de Empresas e Parques Tecnológicos. Disponível em: <http://ftp.mct.gov.br/prog/empresa/pni/intro.htm>. Acesso em Dez.de 2008.
- PAZOS, D. R. & PENABAD, M. C. L.** La Innovación como Factor Clave en la Competitividad Empresarial: Un Estudio Empírico en Pymes. *Galega de Economía*. Santiago de Compostela. v.16, n. 2, p. 1-18, Dez 2007.
- ROVERE, R. L.** La, Perspectivas das Micro, Pequenas e Médias Empresas no Brasil. *Revista de Economia Contemporânea*. Rio de Janeiro, v.5, n. Ed. Espec., p.20-38, 2001.
- RUBIANO, M. E. & DOMÍNGUEZ, O. F.** Castellanos. Estrategias para el fortalecimiento de las Pyme de base tecnológica a partir del enfoque de competitividad sistémica. *Innovar*. Bogotá, v.17, n.29, p.115-136, Jan/June 2007.
- _____. Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/customizado/estudos-e-pesquisas/estudos-e-pesquisas/sobrevivencia-das-micro-e-pequenas-empresas>. Acesso em Jul. de 2009
- _____. Boletim estatístico de micro e pequenas empresas. Observatório Sebrae: 1º Semestre, Brasília: 2005. Disponível em: [http://www.dce.sebrae.com.br/bte/bte.nsf/03DE0485DB219CDE0325701B004CBD01/\\$File/NT000A8E66.pdf](http://www.dce.sebrae.com.br/bte/bte.nsf/03DE0485DB219CDE0325701B004CBD01/$File/NT000A8E66.pdf)>. Acesso em: Jan.2009
- SILVA, C.A.V.** Redes de cooperação de micro e pequenas empresas: um estudo das atividades de logística do setor metalúrgico de Sertãozinho. 2004. 199 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Escola de Engenharia de São Carlos. Universidade de São Paulo, São Carlos. 2004.
- TONHOLO, J. & PIRES, S. O. (orgs.).** Caminhos para o sucesso em incubadoras e parques tecnológicos. Brasília: ANPROTEC & SEBRAE, 2005.
- TRENADO, M.; HUERGO, E.** Nuevas empresas de base tecnológica: una revisión de la literatura reciente. Espanha, 2007. CDTI, Dpto. de Estudios. Disponível em: http://www.cdti.es/recursos/publicaciones/archivos/32574_83832007103251.pdf. Acesso em: 13 mar. 2008.
- VENCE DEZA, X.** Crecimiento y Politicas de Innovacion: NuevasTendencias y Experiencias Comparadas. Madri: Ediciones Pieramide, S.A., 2007.
- VOS, J.P.; KEIZER, J. & HALMAN, J. M.** Diagnosing Constraints in Knowledge of SMEs. *Technological Forecasting and Social Change*. V.58, (3), p.227-239, Jul 1998.
- WOLFFENBÜTTTEL, A. P.** O impacto das incubadoras nas universidades. 2001. 129 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), Porto Alegre: 2001.
- YIN, R.K.** Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

